

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

EIXO: INTERVENÇÃO
PLANO DIRETOR DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (PD-ISERJ):
ALGUMAS QUESTÕES.

LEO NAME
Arquiteto e urbanista, Doutor em Geografia (UFRJ), Professor Adjunto 2 do Departamento de
Geografia da PUC-Rio, Professor Substituto do Departamento de Urbanismo da UFF
arq.leoname@bol.com.br

PRISCYLLA FREIRIA
Arquiteta e urbanista, Mestranda em Engenharia Urbana (Poli-UFRJ)
pfreiria@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar as principais questões relacionadas à recente elaboração do Plano Diretor do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (PD-ISERJ). A partir da iniciativa de ordenamento físico-territorial do Campus ISERJ, busca-se resgatar a identidade (social e espacial) do educador profissional brasileiro e a missão de “laboratório pedagógico” que é inerente ao projeto original do Campus, sob influência do ideário da Escola Nova. A função do Plano Diretor é, por fim, definir objetivos e diretrizes que orientarão, nos próximos anos, as ações projetuais de arquitetura (inclusive projetos de restauração) e paisagismo.

Palavras-chave: memória, processo, horizonte.

Eixo: intervenção.

Abstract

This article aims to present the main issues related to the recent development of the Plano Diretor do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (PD-ISERJ - Master Plan of the Institute of Higher Education of Rio de Janeiro). Focusing on the physical and territorial aspects of the Campus, this plan is primarily aimed to rescue the (social and spatial) identity of the Brazilian's professional educator and the mission of "teaching laboratory", inherent in the original project and original design of the Campus, under the influence of the ideals of Escola Nova (New School). The function of the Master Plan is, finally, define objectives, guidelines and actions that will guide, in the coming years, all the actions to projects of architecture (including restoration projects) and landscaping.

Keywords: memory, process, horizon.

Axis: intervention.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar las principales cuestiones relacionadas con el reciente desarrollo del Plan Director del Instituto de Educación de Rio de Janeiro (PD-ISERJ). De la iniciativa de la planificación territorial del Campus ISERJ, el Plan Director trata de recuperar la identidad (social y espacial) del educador profesional brasileño y la misión de "laboratorio de enseñanza" que es inherente en el proyecto original del Campus, bajo la influencia de los ideales de la Escola Nova (Nueva Escuela). La función del Plan Director es, por último, definir los objetivos y directrices que guiarán, en los próximos años, todas las acciones a los proyectos de la arquitectura (incluidos los proyectos de restauración) y del paisajismo.

Palabras claves: memoria, proceso, horizonte.

Eje: intervención.

Introdução

O presente artigo objetiva apresentar algumas questões relativas ao Plano Diretor do Campus do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (PD-ISERJ). Possuindo aproximadamente 37.000m² e se localizando à Rua Mariz e Barros, nº 273, no bairro da Tijuca, cidade do Rio de Janeiro, trata-se de um bem tombado pelos órgãos de patrimônio estadual e municipal: o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) decretou tombamento do campus em 1965, enquanto o tombamento da Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro (SEDREPAHC) é mais recente, de 2001, contemplando suas edificações originais. Exigido por estes órgãos, que há tempos vinham percebendo sua necessidade, o PD-ISERJ foi concluído em março de 2009 por equipe do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), que executou o trabalho através de assessoria técnica doada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), que é a mantenedora do ISERJ.¹

O PD-ISERJ é o instrumento básico de ordenamento do espaço físico do Campus ISERJ e de orientação para a preservação do patrimônio tombado, caracterizando-se como um documento essencial para a gestão e tomada de decisões pelas instituições direta ou indiretamente vinculadas a este espaço. *É um importante instrumento que orienta as práticas projetuais e administrativas no Campus ISERJ desde o momento de sua conclusão.* Se por um lado o PD-ISERJ, por sua vinculação a uma instituição, não é apresentado em forma de lei (como no caso dos planos diretores municipais exigidos pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Cidade), o que lhe daria um caráter mais explícito de norma, por outro lado é instrumento norteador de qualquer intervenção física futura, por ser documento elaborado através de um profícuo diálogo com os variados setores da instituição, a mantenedora (FAETEC) e os órgãos de patrimônio (INEPAC e SEDREPAHC). Neste sentido, ele deve ser entendido como o resultado de um pacto social que, por isso, condiciona que quaisquer projetos ou intervenções nas áreas de arquitetura (inclusive restauro) ou de paisagismo obrigatoriamente o tenham como referência. Em outras palavras, mesmo que não tenha sido concebido para ser um plano que defina explicitamente projetos e obras, o PD-ISERJ é o norteador principal justamente destes projetos e obras, por explicitar desejos, conflitos e expectativas em relação ao espaço em foco, que se desdobram em várias diretrizes e ações, pactuadas por todos.

Nesse sentido, esclarecemos que o processo de pesquisa de documentação e de levantamentos de campo, à época da fase de diagnóstico do PD-ISERJ, apontou para a definição de diretrizes e ações visando à retomada do campus como laboratório pedagógico, função que fora desejada em seu projeto, construção, ocupação e exercício das atividades, por conta de sua estreita vinculação com o ideário da Escola Nova, o que iremos esclarecer ao longo do artigo. Para isso, o PD-ISERJ indica diretrizes de acessibilidade, unidade e legibilidade - preocupando-se com uma circulação livre e de obstáculos em todas as áreas do Campus, de modo que seu conjunto, com muitas edificações de extrema diversidade tipológica e arquitetônica e implantadas em espaço relativamente reduzido, possa de fato ser vislumbrado. Além disso, delimita duas áreas que poderão abrigar atividades que necessitem ser transferidas e novas edificações para futuras demandas. O PD-ISERJ também define os respectivos critérios de ocupação a serem considerados nestas áreas, de modo a permitir que seja estimado o *potencial construtivo máximo* do Campus. *Dito de outro modo: se o PD-ISERJ não projeta espaços exteriores nem edificações, ele alimenta futuras intervenções paisagísticas (consideradas prioritárias, inclusive visando à valorização do conjunto tombado) e claramente determina o quanto se pode construir e onde se pode construir.*

Este artigo está dividido em cinco partes. Primeiramente, apresentaremos a rede física do Campus e o espaço construído correlacionado ao histórico do Movimento dos Pioneiros da Escola Nova. Em seguida, exibiremos os desafios que foram considerados no Plano Diretor no que diz respeito à escala do Campus como um todo, ao que se seguirá a apresentação destes

¹ Tal doação foi contrapartida firmada através de instrumento assinado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e a Globo Comunicação e Participações S.A., que repassou o valor da proposta para a execução do serviço.

desafios na escala das edificações. Por fim, elencaremos na última parte deste trabalho as principais propostas do Plano Diretor do Instituto Superior de Educação (PD-ISERJ).

1. Caracterização da rede física do Campus ISERJ, a Escola Nova e a construção de uma identidade e de um laboratório pedagógico.



Figura 1. Imagens da minissérie *Anos Dourados*, que tinha como principal locação o Campus ISERJ. Fonte: Captura do DVD original da minissérie.

Ainda chamando-se simplesmente Escola Normal, que em anos anteriores havia se instalado de forma provisória e até mesmo improvisada em edifícios pré-existentes da então capital federal, o Instituto de Educação passou a funcionar no atual campus em 1930, quando foi ocupado o expressivo conjunto de edifícios construído a partir do projeto dos arquitetos José Cortez e Ângelo Bruhns, vencedores de concurso público organizado pela Prefeitura dois anos antes. Trata-se de um valoroso exemplo arquitetônico do movimento denominado “neocolonial”:² sua edificação hoje referida como “Edifício Principal”, assim como seus anexos (Anexo do Teatro e Anexo do Ginásio), com certeza são, junto com a imagem da normalista, o mais expressivo capital simbólico do Instituto de Educação, seja por ser valor comumente reconhecido como tal por professores e funcionários, seja por conta da cristalização de sua imagem junto aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro e até mesmo do restante do país. O que, não seria exagero dizer, foi intensificado por uma influência midiática externa: quando a Rede Globo exibiu a minissérie *Anos Dourados*,³ em 1986, o Instituto de Educação se tornou ainda mais notório; marco da televisão brasileira que obteve farta audiência à época, a minissérie contribuiu para a projeção da imagem da instituição – inclusive de sua função primordial de formação de professores –, o que tornou ainda mais conhecidos o até hoje famoso uniforme das normalistas e as formas e instalações de sua arquitetura (Figura 1).

As instalações originais expressam uma clara preocupação em se ter uma arquitetura de excelência voltada especificamente para o ensino, ecoando os ideais em voga que, dois anos após sua ocupação, em 1932, norteariam o chamado “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, marco da história da educação no Brasil. Tal filosofia de educação possuiu uma clara dimensão espacial, concretizada por meio dos muitos Institutos de Educação implantados Brasil afora, e, particularmente, na defesa de que suas edificações e espaços exteriores deveriam configurar um “laboratório pedagógico”, isto é, que o espaço deveria ser *locus* para a prática e para a experimentação voltadas ao ensino. O intuito é se distanciar ao máximo do ensino religioso e do modelo das salas-auditório ocupadas por alunos passivos a maioria das vezes instaladas em quaisquer edificações, não-planejadas para o uso educativo. Esta dimensão espacial do “laboratório pedagógico” foi o que em grande medida definiu, e que até hoje define, a identidade do educador profissional e a missão da formação de professores que, como apresentaremos ao longo deste artigo, tornaram-se fator absolutamente preponderante para a definição de propostas do Plano Diretor.

Ao longo dos anos, o Campus ISERJ foi ocupado por uma série de novos edifícios⁴ – a Figura 2 apresenta a rede física do Campus, também esclarecida pelo subseqüente Quadro I, ao passo que a Figura 3 é colagem de fotos de algumas de suas principais edificações. Alguns destes edifícios mantiveram as preocupações em ter destinação educacional e excelência construtiva, mesmo que através de outras tipologias arquitetônicas. Outros, porém, são edificações precárias, seja pela inadequação do uso em relação às atividades-fim do Campus ou à tipologia da edificação, por ser em acréscimos ou elementos contrastantes em relação ao conjunto ou, por fim, por sua baixa qualidade construtiva. Soma-se a tudo isto certo descuido dos espaços exteriores e a compartimentação dos mesmos através de muros, grades

² O neocolonial a esta época era estilo utilizado com intenção clara: seu objetivo era revelar, a partir de diversas manifestações artísticas, a idéia de uma nação brasileira. Neste sentido, vale frisar que a escolha de um edifício com estas características não foi fruto meramente do gosto de uma banca avaliadora: no edital do concurso público foi exigido que os projetos apresentados adotassem o “estilo colonial brasileiro”, inspirando-se na “arquitetura tradicional brasileira”.

³ Dirigida por Denis Carvalho e com texto de Gilberto Braga, a minissérie tinha sua narrativa localizada na década de 1950 e sua protagonista era uma normalista do Instituto (vividapela atriz Malu Mader). Muitas cenas foram gravadas dentro do Campus e, além disso, na abertura da minissérie eram exibidas imagens da fachada frontal e de detalhes arquitetônicos do Edifício Principal, que dia a dia invadiam as telas de televisão de todo o país, feito poucas vezes conseguido por um bem arquitetônico tombado. Cumpre esclarecer que a disposição da Rede Globo em dispor a verba necessária para a realização do Plano Diretor está diretamente relacionada à importância que a minissérie e o Instituto têm para a história da dramaturgia produzida pela emissora.

⁴ Uma síntese visual do histórico foi produzida em um vídeo, que se tomou anexo digital do documento final do PD-ISERJ e está disponível no YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=eFBF03ZjqM>.

QUADRO I:
SÍNTESE DA CARACTERIZAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES DO CAMPUS ISERJ (FONTE: PD-ISERJ)

EDIFICAÇÃO	IND.	DESCRIÇÃO / PROBLEMAS APRESENTADOS	ANO	EST. DE CONSERV.	
EDIFÍCIO PRINCIPAL	A	Em estilo neocolonial, formam o conjunto mais significativo do Campus, que majestosamente se impõe sobre a Rua Mariz e Barros. Tem grande centralidade física sobre o terreno, podendo ser observado de diversos pontos, e também centralidade simbólica, já que a imagem de sua fachada principal é a imagem mais reconhecível agregada ao ISERJ. Há uma antena parabólica aparente, muitas persianas e esquadrias deterioradas e algumas pichações. Muitos condicionadores de ar nas fachadas, bases e volutas descascadas e com limo, fiação e encanamento aparente.	1930	Regular	
ANEXO DO TEATRO	B				
ANEXO DO GINÁSIO	C				
BIBLIOTECA - PAVILHÃO CECÍLIA MEIRELES	D	Acompanha o estilo neocolonial do Edifício Principal e Anexos. Sofreu alteração de sua clarabóia, que se encontra bastante suja, afetando a iluminação zenital. Tem persianas e esquadrias deterioradas e algumas paredes com pichações e musgo, além de fiação e encanamento aparentes,	1930	Bom	
CANTINA/ REFEITÓRIO/ CAMARINS	E	Formado por um trecho provavelmente original, em estilo colonial, ao qual se circunda uma colonata com marquise, e um acréscimo de baixo padrão construtivo em sei térreo e pavimento superior. Abaixo, tem-se a separação destes elementos.	Ver abaixo	Ruim	
		E1 Cantina	Trecho original, que apresenta fissuras e rachaduras, dada a sobrecarga.		Provavelmente 1930
		E2 Refeitório/ Camarins	Acréscimos que contrastam com a edificação original, de volumetria agressiva, com muita sujeira nas paredes e dotada de acabamentos de baixa qualidade. Parte do encanamento é aparente		1973
		E3 Colunata	Trecho original, que apresenta fissuras e rachaduras.		Provavelmente 1930
CRECHE RUTH NISKIER	F	No local desta edificação já funcionou uma cooperativa, porém não há informações se suas instalações são consequência de uma ampliação de edificação anterior ou se trata de uma nova edificação. Possui dois pavimentos, com escadas e intensa compartimentação dos ambientes, que se tornam bastante apertados, o que não é adequado para uma creche. Sua pintura é extremamente contrastante, na cor verde e possui área de brinquedos externa murada em grande extensão com rede e combogós, contrastando com o portão de acesso próximo.	Não há informação	Regular	
VESTIÁRIOS E ARQUIBANCADA DO PARQUE AQUÁTICO	G	De formas expressivas, serve de apoio às atividades realizadas no Parque Aquático e na Pista de Atletismo. Foram seccionados internamente, de modo a ter vestiários voltados para a piscina e sanitários voltados para a pista. Um dos vestiários vem sendo utilizado como espaço de trabalho por agentes de saúde para prevenção e controle da dengue, desvinculados da instituição e ficando a maior parte do tempo trancado. Possui gradil e tijolos de vidro (quebrados) sobre vãos, infiltrações, paredes sujas e com pichações, descascadas e com infiltrações, fiação aparente.	1943	Ruim	

(CONTINUAÇÃO DO QUADRO I)

EDIFICAÇÃO	IND.	DESCRIÇÃO / PROBLEMAS APRESENTADOS	ANO	EST. DE CONSERV.
PRÉ-ESCOLA - PAVILHÃO HELOÍSA MARINHO	H	Está localizada sobre piso elevado em cerca de um metro de altura, que serve de recreação. Seu estilo arquitetônico é uma versão bastante simplificada do neocolonial, em referência às antigas residências em telha de barro e caiadas de branco. Está pintada com um verde-claro contrastante em relação ao conjunto e com desenhos de temas infantis. Apresenta buzinotes e torneiras aparentes, manchas e sujeiras nos muros, instalações elétricas e hidrossanitárias aparentes e algumas fissuras. Possui pequeno acréscimo (que se encosta ao muro junto à Rua Vicente Licíneo. Vazamentos e infiltrações no teto decorrente de problemas no telhado.	1948	Regular
PAVILHÃO ANÍSIO TEIXEIRA	I	Grande edifício sobre pilotis em linhas retas e perpendiculares, de linguagem modernista, destacando-se por sua diferenciação tipológica em relação a todos os demais. Está praticamente encostado no edifício da Pré-Escola - Pavilhão Heloísa Marinho, criando uma tensão entre volumes e escalas. Apesar do excelente estado de conservação, se comparado aos demais, é necessário se observar as que há bastante instalação elétrica aparente, assim como tubulação de água. Algumas fachadas apresentam manchas e indevida ladrilhagem pontual (junto a bebedouros). Possui uma sala de aula construída a posteriori, que fecha a passagem e é coberta com telhas de amianto e possui forro interno de isopor.	1960	Bom
CASA DE FORÇA	J	Abriga os principais quadros de distribuição de energia do Campus; não há informação sobre a data de sua construção. Possui um telheiro anexo, onde se amontoam materiais e objetos de toda a natureza. Apresenta rachaduras e buzinote e instalações elétricas aparentes.	Não há informação	Ruim
MANUTENÇÃO	K	Ali são abrigadas ferramentas de toda sorte e funciona, de forma improvisada e precária, o controle do estacionamento. A palavra "manutenção" está escrita em letras pintadas na própria edificação. Possui telhas de amianto retorcidas e de aspecto caótico. Nela se amontoam materiais, sobretudo mobiliário depredado para o descarte. Há instalações elétricas aparentes.	Não há informação	Ruim
AR-CONDICIONADO DA BIBLIOTECA	L	Trata-se de intervenção recente: constitui-se por uma grade de pouca altura que cerca a aparelhagem de ar-condicionado que serve a uma das salas da Biblioteca - Pavilhão Cecília Meireles.	Não há informação	Ruim
ESCOTEIROS/CONTROLE DA DENGUE	M	Edícula de construção precária: sua fachada voltada para a Pré-Escola - Pavilhão Heloísa Marinho sequer tem emboço e a cobertura é feita por telhas de amiantos. - e que abriga duas atividades completamente desvinculadas do ISERJ: uma de suas salas é destinada ao 41º Batalhão dos Escoteiros do Rio de Janeiro, que se reúne aos sábados; a outra é destinada aos agentes de saúde para o controle da dengue. A edificação está muito próxima à Biblioteca - Pavilhão Cecília Meireles, configurando passagem muito estreita e apresenta sujeira, limo e pichações.	Não há informação	Ruim

(CONTINUAÇÃO DO QUADRO I)

EDIFICAÇÃO	IND.	DESCRIÇÃO / PROBLEMAS APRESENTADOS	ANO	EST. DE CONSERV.		
VILA MACHADO BASTOS	N	Conjunto de casas de estilo protomodernista, originalmente com dois pavimentos, em sua maioria ocupadas por particulares que já fizeram acréscimos horizontais e verticais. Há unidades comerciais e mistas. As casas estão em área declarada como utilidade pública em 1955, mas apenas quatro delas tiveram processo concluído. Dento da Vila Machado Bastos funcionam duas escolas de educação especial, conforme especificação a baixo.	Não há informação	Variado		
		N1	Escola de Ed. Esp. Antonio Francisco Lisboa		Unidades da Secretaria de Estado de Educação, desvinculadas do ISERJ e da FAETEC;	Não há informação
		N2	Escola de Ed. Esp. Maria Ivette Correa de Vasconcelos			Não há informação
		N3	Casa Det eriorada		Unidade em avançado estado de deterioração.	Não há informação
ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS E AMIGOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO	O	Edificação com acesso independente pela Rua Mariz e Barros, foi cedida pelo Governo do Estado para a entidade, que possui rico acervo de interesse público sobre o Instituto. A maior parte do tempo a casa fica trancada.	Não há informação	Bom		
COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO PRADO JUNIOR	P	Unidade da Secretaria de Estado de Educação, desvinculada do ISERJ e da FAETEC, isolada do restante do Campus por muros. Possui acesso independente pela Rua Mariz e Barros.	Não há informação	Não houve acesso ao edifício		

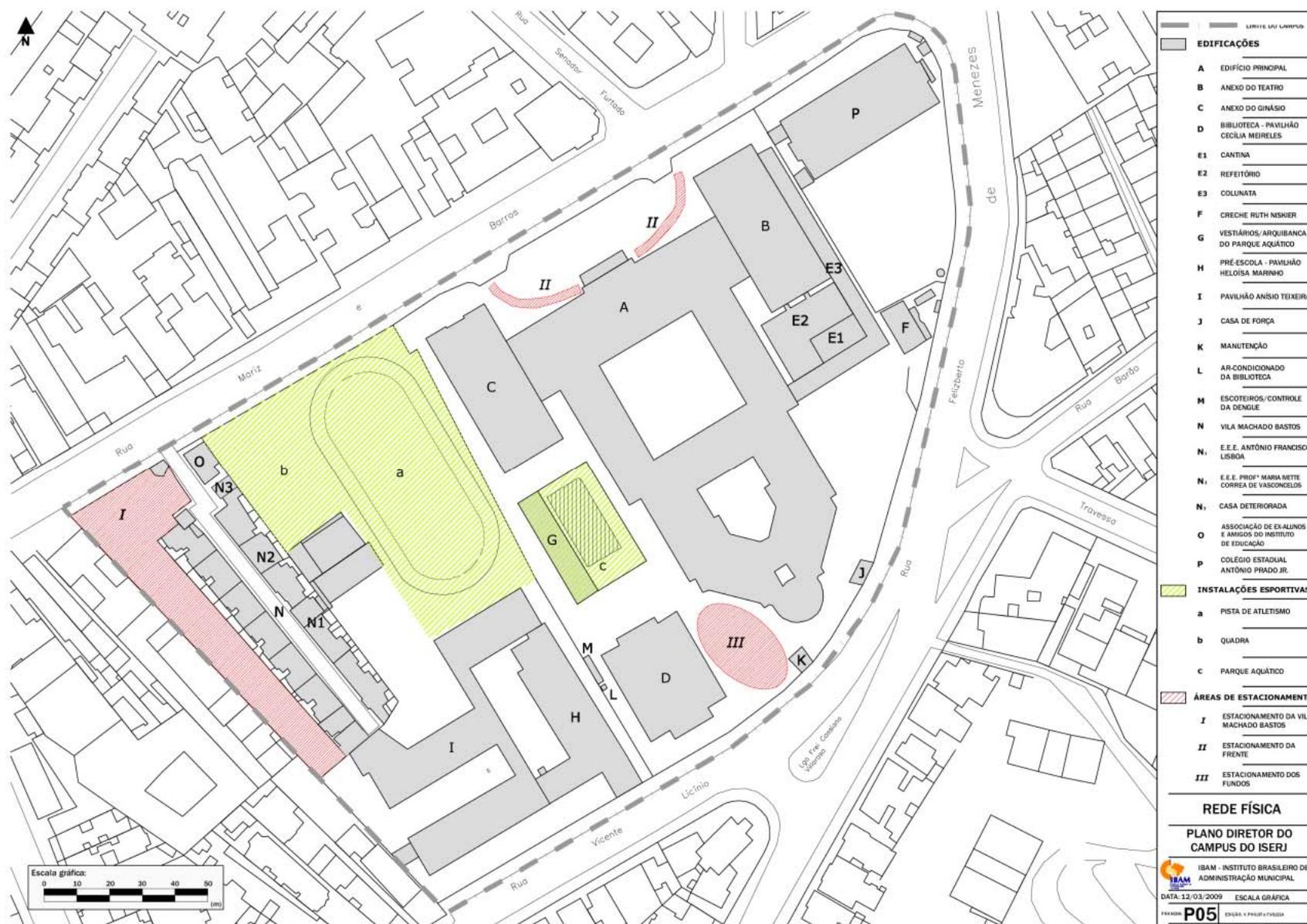


Figura 2: Rede Física do Campus ISERJ. Fonte: PD-ISERJ.



Figura 3: De cima para baixo e da esquerda para a direita: A fachada principal à Rua Mariz e Barros, do Edifício Principal; construção irregular e de baixo padrão construtivo sobre colunata de edifício principal, que abriga o Refeitório; área de recreação junto ao edifício da Pr é-Escola; vista da entrada da Vila Machado Bastos; vista dos fundos do Pavilhão Anísio Teixeira; Ar quibancada, tendo ao fundo o Anexo do Ginásio; edifício da Manutenção. Fonte: Centr o de Memória Institucional do ISERJ /IBAM.

e variados tipos de limites físicos, o que torna o percurso externo por todo o espaço e a contemplação de todo seu acervo arquitetônico e paisagístico praticamente impossível.

O ano de 1930, da ocupação do Edifício Principal e seus anexos, é marcante na história brasileira, já que foi neste momento que o movimento armado liderado por forças políticas dos estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais conduziu a tomada do poder por Getúlio Vargas. Justamente por isso, o edifício teve que ser ocupado às pressas, pois boatos contavam que tropas da “revolução” se instalariam em qualquer edificação vazia que encontrassem. A década anterior assentara o terreno para situações de conflito desta natureza, que se estenderiam por muitos anos: como apontado por Lopes (2003) a década marcada por fatos como a Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento dos 18 do Forte (1922), a Revolta Tenentista (1924) e a Coluna Prestes (1924 a 1927), conformou um embate interno de uma geração de intelectuais de visões ideológicas distintas, que colocavam em lados opostos a manutenção da ordem e da tradição e a opção pelo novo e moderno.

Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho foram três dos muitos intelectuais que, ao lado daqueles que desejavam este “novo” e “moderno”, visavam a moldar uma nova identidade nacional que pudesse levar o país à modernidade cada vez mais almejada. Também foram três dos principais nomes – no total de vinte e seis signatários – que em 1932, assinaram o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Chamados também de “renovadores”, tais intelectuais da Escola Nova uniram saberes tão distintos quanto o jurídico e o médico e concepções tanto de esquerda quanto de direita no projeto coletivo de uma nova forma de educar. Os renovadores eram os representantes, na área da educação, dos muitos movimentos intelectuais que, na primeira metade do século XX, procuravam libertar certo Brasil tradicional e rural de seus inerentes arcaísmos, inserindo-o no processo civilizatório e fazendo-o rumar para uma feição mais universal, moderna, industrial e urbana. Eclodiam várias idealizações para uma nova identidade nacional para o país, cuja meta era o progresso contínuo e da qual necessariamente seriam retirados os elementos do passado colonial. Mesmo que imbuídos de algum nível de eurocentrismo,⁵ por terem a esmagadora maioria de seus alicerces políticos e teóricos na Europa e/ou nos Estados Unidos, tais educadores ao mesmo tempo defendiam um ideário de nação cuja espinha dorsal seria justamente a educação pública, laica, obrigatória, gratuita e igual para todos. A renovação nacional se daria, inclusive no que diz respeito à nova construção identitária, através da educação (Almeida Filho, 2006).

Nunes (1998) aponta que para esta geração a universidade não era o local exclusivo nem muito menos o mais importante da formação intelectual. Na verdade era a escola, que deveria ter seu monopólio retirado das instituições católicas. Acreditava-se também, que a criança deveria ser nela inserida não por mera iniciativa da família que queria dotar-lhe de erudição, mas como desejo de um Estado que pensava um futuro melhor para o país a partir de cidadãos livres mais preparados. Nesse sentido, a figura do educador profissional surge como a do executor de uma missão renovadora da sociedade brasileira. Seu *locus* de atuação seria mais especificamente o Instituto de Educação – modelo que não se restringiu somente ao Rio de Janeiro –, cujos currículos e instalações, em clara contraposição ao ensino religioso, eram preenchidos por todas as conquistas da ciência do século XIX, particularmente os equipamentos e saberes da Biologia, Psicologia e Estatística aplicadas ao ensino, somadas ao ensino da arte, através de aulas como as de desenho e pintura nas chamadas salas-ambientes (ver Figura 4).⁶

⁵ Para se ter um entendimento da inerência do eurocentrismo, algo expressivo da colonialidade do poder mas até hoje inerente a saberes, ensinamentos e formas de produção cultural, ver Name (2009).

⁶ A busca pela aplicação pedagógica das inovações técnico-científicas era tamanha, que educadores como Venâncio Filho (1930) e Serrano (1930), apenas trinta e cinco anos após a invenção do cinematógrafo e três anos após a produção do primeiro filme falado – *O cantor de jazz (The Jazz Singer, Alan Crosland, EUA, 1927)* – já debatiam no Boletim de Educação Pública a pertinência do uso pedagógico do cinema e o direcionamento de gastos para aquisição de filmes e maquinário específico para as escolas. Também eram instalados, desde os primeiros Institutos de Educação, gabinetes médicos e odontológicos, não só na perspectiva de cuidar melhor e mais de perto da saúde do alunado, mas também como difusores de saberes sobre higiene (Clark, 1930).



Figura 4. Getúlio Vargas em visita ao Instituto de Educação (1934). No primeiro plano, uma normalista está diante dos para época modernos materiais e objetos de química. Fonte: CPDOC/FGV, Arquivo Anísio Teixeira.

Toda esta filosofia da educação se materializa nos espaços do Instituto de Educação carioca, que serviu de modelo para outros do país. Apesar de sua expressão arquitetônica que representa claramente os conflitos de diferentes ideários políticos, estéticos, educacionais e arquitetônicos do período,⁷ o edifício do Rio de Janeiro tinha como meta uma mudança do

⁷ O edifício funde tanto o estilo neocolonial de uma suposta identidade brasileira moderna e progressista e os mais modernos espaços da prática científica, como os laboratórios de química, biologia e física (recentemente introduzidos no país, na década de 1910), à tipologia da pedagogia jesuítica que extraía dos conventos a disposição de quatro corredores formando um claustro e a divisão disciplinar e metódica de compartimentos uniformemente distribuídos

habitus pedagógico: seu currículo previa dezesseis anos de estudo - o aluno entraria no jardim de infância e sairia da escola professor e, para além desta excelência na formação de professores cidadãos, a transformação também deveria se realizar através da boa forma dos espaços, planejados para tal fim, e também do seu aparelhamento tecnológico. Espaços exteriores e construídos como os do Instituto de Educação do Rio de Janeiro eram, por um lado, a tradução física de um ideário, e, por outro lado, foram condicionantes para a gradativa construção, simbólica mas nem por isso desprovida de força e permanência, da *identidade social* do educador profissional brasileiro.

Evidentemente não há uma existência concreta ou material das identidades, mas elas podem muito bem ser percebidas, definidas, buscadas e combatidas. Necessariamente tratam de relações de poder, semelhanças ou igualdades, que levam a caracterizações e hierarquizações; ao mesmo tempo, só se definem em relação a outras identidades, por meio de interações variadas e de valorizações ou desvalorizações mútuas (Haesbaert, 1999, p. 173-175). Têm relação, também, com uma indissociável busca por reconhecimento que só se faz frente à alteridade (Taylor, 1994): dá-se no encontro e no embate com o Outro, tanto no diálogo quanto no conflito. Nesse sentido, a identidade do educador profissional idealizada pela Escola Nova se realiza através do contato constante com outros educadores profissionais e com os alunos nos espaços escolares, sempre em contraposição à forma de ensino anteriormente ministrada no Brasil colonial e do Império. Tal nova identidade se alinha à idealização de uma também nova e moderna identidade nacional que se assenta sobre desejos de modernização e progresso, tanto no sentido do aprimoramento pessoal e intransferível, mas muito mais fortemente da sociedade brasileira como um todo.⁸

Em nome da educação nova, rejeita-se a instrução abstrata, artificial e verbal, e apela-se à participação efetiva da criança, a partir da inserção, no espaço construído especialmente para as novas escolas, de atividades manuais, intelectuais e sociais que serão parte do currículo e do cotidiano do aluno (Azevedo, 1930, p. 167-172; Teixeira, 1997 [1935]). *A vida ao ar livre é também parte do ensino*, havendo adaptações de acordo com o contexto físico da localização das escolas: pesca em escolas litorâneas; agricultura em escolas rurais; passeios nas cidades das escolas mais urbanas - o ensino que prepara o cidadão para a democracia não se dá somente em espaços fechados. *Em outras palavras, a escola seria um grande laboratório pedagógico e, para isso, seus espaços externos e internos - onde se devem cultivar tanto o pensamento individual quanto o trabalho em cooperação, tanto a conduta e a ação individuais quanto os esportes coletivos - deveriam ser preparados e utilizados para tal fim*. Diante de quadro tão contundentemente espacial, é possível se afirmar que *a identidade social do educador profissional também foi construída como uma identidade espacial*, por sua vez apoiada em dois espaços em escalas distintas: por um lado, ela se construiu através do referente simbólico central que eram os Institutos de Educação sob o controle de um projeto de renovação; por outro lado, se direcionou à transformação da nação, influenciando e auxiliando o Estado no desenvolvimento de seu território e povo.

Mas, se à época da Escola Nova a figura do educador profissional se estruturava a partir da invenção do novo e da projeção do futuro, esta mesma identidade, tanto social quanto espacial, se apresenta hoje, no ISERJ, tanto como apego ao passado quanto como uma necessidade cada vez mais legítima e eminente de (re)construção de uma tradição. Pois como argumenta Hall (2006 [1992]), as identidades se apresentam com mais clareza justamente nos momentos em que se encontram ameaçadas ou em crise. Nossa observação de campo e as entrevistas com diversos funcionários, sobretudo professores, tornaram claro que boa parte desta sensação de crise tem estreita relação com o precário estado de conservação das edificações do Campus, seus espaços internos e externos, seja por falta de

ao longo destes corredores. Por sua vez, este estilo neocolonial, tão desejoso em expressar um ideal brasileiro, não deixava de utilizar toda a linguagem do Classicismo eurocêntrico, que permeia praticamente toda a história da arquitetura ocidental desde o Renascimento (Summerson, 1994 [1980]), notadamente perceptível na adoção de três ordens distintas, uma em cada pavimento.

⁸ Ressalta-se, desse modo, que o conceito de patrimônio relaciona-se diretamente com o conceito de identidade: ambos só existem plenamente quando reconhecidos, absorvidos e transmitidos pelas comunidades que neles se espelham (ou até mesmo se contrapõem): o tombamento, portanto, é uma forma de preservação e reprodução da(s) identidade(s) relacionada(s) ao bem.

manutenção, seja por intervenções equivocadas, inclusive novas edificações e edículas. Do mesmo modo, era através do desejo de organização territorial do Campus, traduzido pelo Plano Diretor, que pareciam se depositar também as esperanças de reconstrução identitária.

Por um lado, o estado atual dos espaços é efeito de processos que solapam a identidade do educador profissional - pouco investimento em educação ao longo de décadas na escala nacional, baixo repasse de verbas especificamente ao ISERJ na escala estadual, conflitos interinstitucionais, ataques e boicotes externos ao curso normal (hoje elevado a nível superior, mas ao mesmo tempo com sua abertura de vagas em vestibular paralisadas) e um excessivo contingente de alunos são alguns dos muitos fatores que têm ocasionados efeitos catastróficos de toda natureza e em escala geométrica. Por outro lado, a convivência cotidiana com o crescente abandono, o mau uso e a deterioração dos espaços contribui para a sensação também de abandono e deterioração desta identidade. Pior ainda, a experiência destes espaços naturaliza a idéia de uma eminente extinção do educador profissional. E é neste ponto que o PD-ISERJ torna-se ferramenta ao mesmo tempo físico-territorial e simbólica absolutamente crucial, pois, em outras palavras, *o espaço enfraquecido é entendido tanto como causa quanto como efeito do enfraquecimento da identidade do educador profissional, ao passo que o movimento de ordenamento e revalorização espacial do Campus traz embutido o desejo de ordenamento e revalorização desta identidade.*

2. Desafios a vencer: segmentação dos espaços exteriores e sua configuração como espaços residuais.

O Campus ISERJ é conformado tanto por edificações quanto por espaços livres - ou seja, por "cheios" e "vazios", espaços construídos e não-construídos. Estes "vazios" são jardins e áreas esportivas e de recreação que, em geral, têm pouco uso e encontram-se em estado de conservação ruim. Na concepção original do projeto, os espaços exteriores foram conscientemente projetados e posicionados de forma a entremear os edifícios. Esta conformação ofertava áreas de iluminação e de respiro por todo o Campus, como suspiros de luz e de ventilação que garantiam a qualidade para a oferta de atividades ao ar livre exigidas pelo ideário da Escola Nova. Atualmente, os espaços exteriores são, visivelmente, o resultado da disposição em momentos distintos de mais e mais edificações neste ambiente um tanto apertado para as mesmas.

Chama atenção, também, o estado avançado de deterioração dos jardins e equipamentos, além de seu pouco uso. Jacobs (2007 [1961]) argumenta que a existência em si de um espaço livre - um parque, uma praça, uma área de lazer ou qualquer outro espaço exterior onde circulem pessoas - não garante a sua vitalidade e o seu uso, nem mesmo dos seus espaços circundantes. Um dos elementos valorizados pela autora é a complexidade dos espaços; ela se refere à diversidade de usos e de pessoas nestes espaços, que conferem diversidade de horários e de propósitos para sua utilização. A multiplicidade de usos dos edifícios propicia a estes espaços livres uma variedade de usuários que neles entram e deles saem em horários diferentes. Nesse sentido, pode-se dizer que o Campus possui tal complexidade: a riqueza espacial se apresenta desde a variedade tipológica das edificações e a diversidade na utilização se apresenta pelas muitas atividades existentes no Campus que faz com que muitas pessoas nele circulem. Entretanto, esta multiplicidade de usos não se expressa tão claramente nos espaços não-construídos por conta da distribuição dos fluxos no Campus: como consequência do bloqueio de determinados acessos à rua e do fechamento de alguns portões internos, a circulação se dá primordialmente *por dentro* do Edifício Principal, que distribui quase todos os fluxos para o exterior⁹ (ver Figura 5).

Um segundo elemento considerado pela autora é a centralidade, que se refere a um elemento espacial central ou, mais precisamente, com hierarquia superior aos demais, para atuar como referência no espaço. Ele atua como polarizador dos usos e da legibilidade do espaço, sendo

⁹ Tal situação foi percebida através da realização de dois vídeos utilizando o processo da visão serial definido por Cullen (1996 [1971]), realizados como procedimento metodológico à etapa do diagnóstico e definição de propostas. Estão hoje disponibilizados no YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=3q3f1OHAtoY> e <http://www.youtube.com/watch?v=hkv1sDDxAFM>.

reconhecido por todos como o elemento de destaque. No Campus ISERJ, este elemento é o Edifício Principal, visível na maioria dos espaços exteriores e que de fato serve como referência de localização para quem está dentro ou nas proximidades do Campus. Por fim, a autora afirma que a delimitação espacial é fator preponderante: os espaços exteriores são e devem ser conformados pelos edifícios, e não simplesmente formados a partir dos resíduos deixados pelas configurações dos espaços fechados. Nesse sentido, pode-se afirmar que a despeito de no processo de expansão do Campus do Instituto de Educação ter havido em alguma medida a busca por oferecimento de edifícios de qualidade voltados especificamente para a educação, sobretudo no que diz respeito ao atendimento dos programas refletido na configuração e disposição dos compartimentos, os edifícios acrescidos ao longo do tempo foram dispostos e construídos sem que houvesse preocupação com a integração dos mesmos entre si e com os vazios por eles formados.

Além disso, a utilização de cada uma das edificações se dá quase sempre de forma autônoma e segmentada. Os espaços e suas atividades são “voltados para dentro”, havendo também a segmentação do uso no cotidiano. Entre outros inúmeros problemas, chama atenção a concentração da recreação em espaços utilizados quase sempre apenas por um segmento específico do alunado. Por fim, somada à disposição aleatória dos edifícios ao longo do tempo e ao uso fracionado dos espaços, a farta utilização de muros e grades cria fronteiras e descontinuidades visuais, impossibilitando um percurso contínuo nos espaços exteriores. Desse modo, o Campus se apresenta, hoje, como uma fragmentada e desconexa “colcha de retalhos”, como se pode notar na Figura 6. Dito de forma sintética: *Os espaços exteriores são espaços residuais*. Pode-se concluir, por isso, que ao longo do tempo o estatuto das áreas exteriores passou de um valor inestimável, intrínseco à concepção de ensino, para um resquício deteriorado e subutilizado entre as edificações.

Tais questões revelam também um *gravíssimo problema de acessibilidade* no Campus ISERJ: a impossibilidade de um percurso de forma fluida e contínua pelos espaços exteriores é inerente a *qualquer usuário*. A fragmentação destes espaços remove a segregação (de atividades, faixas etárias, educadores) e a exclusão (de determinados espaços a determinados grupos) *naturalizadas*, sendo inerentes ao cotidiano dos segmentos escolares que vivem encastelados em seus pequenos pedaços do Campus. Além disso, da forma como hoje, inacessível a qualquer pessoa que queira conhecê-lo *por inteiro*, o Campus ISERJ é ilegível como *unidade*, algo particularmente preocupante em se tratando de um bem tombado.

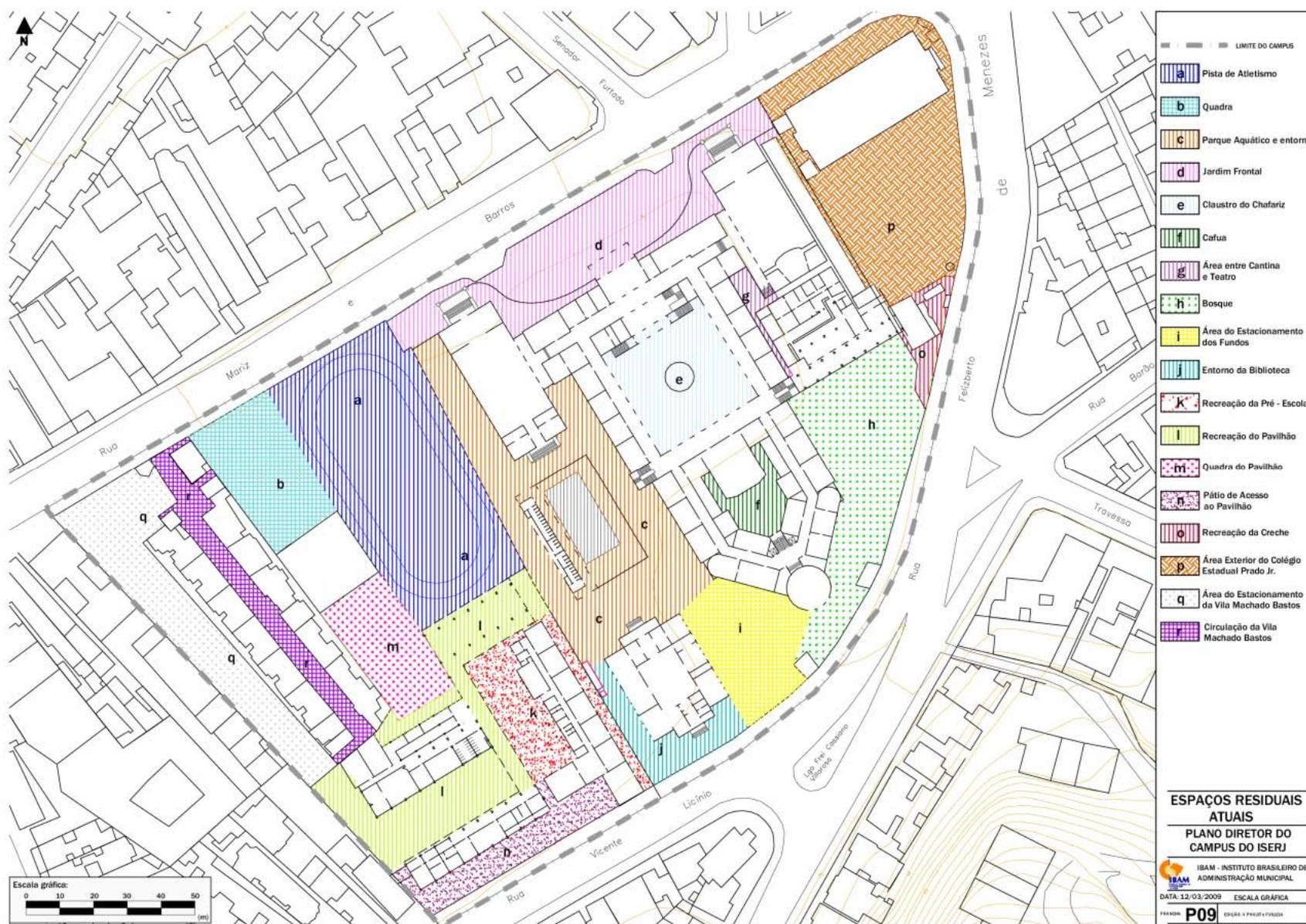


Figura 6: Espaços Residuais Atuais do Campus ISERJ. Fonte: PD-ISERJ.

3. Mais desafios a vencer: os compartimentos internos também deteriorados e segmentados.

Durante o processo de trabalho foram realizados levantamentos minuciosos nos compartimentos das edificações do Campus, objetivando observar o estado de conservação e o uso e as atividades exercidas nos mesmos. Avaliou-se sua equidade e a necessidade de ações projetuais referentes à manutenção e recuperação física. Nesse sentido, as atividades foram avaliadas na sua forma de ocupação do espaço, observando-se sua relação ou não com as deteriorações encontradas, tendo como resultado final do levantamento plantas esquemáticas que apresentam os usos e atividades em cada compartimento de cada edificação e o grau de conservação de cada um deles.¹⁰

Tais levantamentos apontaram vários problemas. Foi percebido, como principal deles, que as obras executadas ano a ano, sobretudo pintura de paredes e tetos, são utilizadas como disfarce para infiltrações de toda ordem, o que é, além de tecnicamente ineficiente, desperdício de verba pública. Outro fator importante: os compartimentos em pior estado de conservação eram aqueles localizados justamente em acréscimos, espaços compartimentados de forma inadequada, sem qualquer tipo de planejamento, ou naqueles que mudaram de uso sem a adaptação apropriada. Sobretudo no Edifício Principal, a depredação é o resultado de desmembramento ou compartimentação de salas e da instalação de atividades que por sua natureza depredam o espaço em que se localizam e ajudam a promover o sucateamento do espaço físico. Por fim, viu-se um movimento de utilização “privativa” do espaço de salas de aulas e salas-ambientes, que se tornaram “escritórios” e deixaram de exercer suas funções originais, resultando na redução de espaços de ensino para o alunado - ao passo que, no desenrolar histórico, o contingente de alunos aumentou enormemente. Juntam-se a tudo isto, problemas graves de patologia da construção, sobretudo no Edifício Principal, que inclusive conformam risco ao patrimônio e à segurança dos usuários.

Percebe-se, portanto, que a deterioração, a fragmentação, a segregação, as ações voluntárias ou involuntárias de exclusão espacial e o encastelamento de setores e atividades se repetem no espaço interno das edificações.

4. Um laboratório pedagógico a reconstruir: resumo das principais propostas do PD-ISERJ.

As seções anteriores apontaram o fato de que desde sua implantação original, em 1930, o Campus ISERJ foi concebido para o cumprimento pleno da atividade de ensino e, mais especificamente, da missão da formação de professores no exercício do educador profissional. Os edifícios e áreas livres originais foram projetados e implantados especificamente para o ensino, refletindo o ideário da Escola Nova em voga, que se mantém na memória coletiva através da icônica figura da normalista, e é ainda valorizado por educadores, funcionários, alunos e pais. A ocupação gradativa deste mesmo Campus contou com edificações com variedade de estilos e tipologias arquitetônicas, que, no que diz respeito ao programa arquitetônico, em sua maioria mantiveram a preocupação na excelência de espaços voltados para a educação, ou seja, reforçaram e enriqueceram a premissa do laboratório pedagógico. Entretanto, no que diz respeito a sua relação com o espaço exterior, pecaram por não preverem a boa integração entre espaços e edificações.

¹⁰ Os usos foram organizados em cinco tipos de atividades – atividades pedagógicas (aulas em salas do tipo auditório), atividades pedagógicas (aulas em salas-ambientes, forma espacial valorizada pela concepção de laboratório pedagógico da proposta original do Campus), atividades administrativas, atividades administrativas-pedagógicas (coordenações de ensino, salas de serviço de orientação, salas de pesquisa e outros ambientes de trabalho que complementam a atividade de ensino) e atividades de apoio (os banheiros, cozinhas, refeitórios, vestiários e depósitos), que também receberam representação gráfica esquemática por cor. Já o estado de conservação foi avaliado a partir de cinco elementos: piso, parede, teto, esquadrias e instalações elétricas aparentes nos níveis bom, regular e ruim, sendo preenchidas fichas de levantamento que, ao longo do processo, geraram plantas esquemáticas que utilizavam cores distintas para “bom”, “médio” e “ruim”, adjetivos que por sua vez receberam pontuação que compuseram o que chamamos de graus de conservação – “crítico”, “semi-crítico” e “aceitável” – que também por cores definiram novas plantas esquemáticas por edificação, algumas delas reproduzidas neste artigo a título de ilustração.

Ao longo dos anos, também, a qualidade dos componentes físicos do Campus ISERJ foi comprometida através de uma série de ações: há novas edificações e sobretudo anexos inadequados - de tipologia e qualidade construtiva precária, por exemplo. Além disso, a manutenção dos espaços internos e externos é deficiente, pontual e descontínua. Há, também, uma grande compartimentação dos espaços exteriores, através do cercamento inapropriado de frações por muros, grades, portões trancados ou outros limites físicos, movimento de fragmentação e (auto-)segregação espacial de usos e atividades que se repete internamente, nos compartimentos dos edifícios.

A situação atual do Campus ISERJ, portanto, é resultante do conflito entre a excelência arquitetônica e paisagística intrínseca ao Campus, projetada de modo a promover práticas e atingir objetivos específicos no campo da educação e o acúmulo de anos de deterioração e má gestão dos espaços físicos, o que afeta diretamente o exercício do ensino e, portanto, a valorização da identidade do educador profissional. Desse modo, definiu-se como *objetivo fundamental* do Plano Diretor a *Retomada do Caráter de Laboratório Pedagógico do Campus ISERJ*, sua finalidade original. Foi pactuado que devolver ao Campus seu caráter de laboratório pedagógico é meta viável para o futuro, na medida em que, mesmo que deteriorado, ele ainda possui a diversidade arquitetônica e paisagística necessárias a esta finalidade e a notória excelência de seus educadores: o alcance deste objetivo dependeria, em princípio de se focar em um conjunto de diretrizes, estratégias e ações voltado especificamente para sua requalificação.

Esta relação entre ordenamento territorial e recuperação da identidade não está sendo aqui entendida apenas através de características físicas e ontológicas que o espaço do Campus possa ter (seja por meio de sua conformação atual ou da resultante de intervenções físicas a ser em elencadas pelo Plano Diretor) para *necessariamente* causar efeitos perceptivos (visuais, estéticos...) e até mesmo psicológicos sobre seus usuários. Ao se definirem objetivos e diretrizes, as preocupações do PD-ISERJ se direcionaram ao que “[n]a arquitetura importa, isto é, tem efeitos sobre o que fazemos, e como interagimos no espaço” (Netto, 2006). De maneira alguma a idéia central deste pensamento é a de um determinismo arquitetônico, isto é, a ilusão de previamente se determinar, através do espaço, um ou mais comportamentos em relação ao mesmo, mas sim o inverso: constatou-se que determinados padrões espaciais em concomitância com demais ações institucionais, políticas, culturais e até mesmo aleatórias, ao longo do tempo produziram determinados *padrões de sociabilidade e de uso* no espaço (e dificultaram ou impediram outros), cujo resultado atual parece corroborar para o distanciamento do Campus ISERJ de suas funções originais e até hoje valorizadas; por isso, deseja-se suprimir tais configurações constatadas como negativas e valorizar e reproduzir as que se julgar mais positivas. Busca-se, assim, um maior aproveitamento do espaço, contribuindo para uma ampliação de seus usos sob determinados pressupostos. Há, portanto, graus diferenciados de planejamento e imprevisibilidade que não se repelem ou se excluem, porque são próprios a este tipo de intervenção.

4.1. Setorização do Campus e Projeto de Paisagismo, Qualificação e Ordenamento dos Espaços.

Diante da definição do objetivo fundamental, o PD-ISERJ definiu como ação estratégica a execução e implantação do que nomeou como “Projeto de Paisagismo, Qualificação e Ordenamento dos Espaços do Campus ISERJ”. Nesse sentido, foram definidas diretrizes para ações projetuais no Campus, objetivando promover a integração dos espaços exteriores e das edificações, conferindo-lhes unidade e legibilidade, além de boas condições de acessibilidade ao conjunto do bem cultural.¹¹ O Plano delimita, como base espacial para o referido projeto, uma setorização de áreas, com diretrizes específicas para cada uma delas a serem parcial ou integralmente atingidas pelo projeto de paisagismo, conforme representação cartográfica da Figura 7 e a descrição subsequente:

¹¹ O PD-ISERJ sugere que o referido Projeto de Paisagismo, Qualificação e Ordenamento dos Espaços do Campus ISERJ seja objeto de concurso público de projetos, tendo como bases seus condicionantes, diretrizes e propostas. Também sugere que tal concurso seja organizado por instituição idônea e de notório saber comprovado, de modo a assegurar a excelência do projeto e a divulgação do próprio Campus ISERJ para a sociedade.

- a) *Área de Estruturação e Integração dos Espaços*, formada pelo conjunto de áreas ao ar livre, onde deverão ser direcionadas ações para a conversão da atual fragmentação e compartimentação em espaços residuais para espaços integrados e com acessibilidade, seu embelezamento, unidade e legibilidade e que promovam a fluidez espacial, a valorização do conjunto edificado tombado e a ligação eficiente entre as edificações;
- b) *Área para Transferência de Atividades*, onde se direcionarão ações para aproveitamento de áreas ociosas e/ou subutilizadas destinadas à construção de uma ou mais edificações novas, que receberão atividades indicadas por este Plano Diretor como passíveis de transferência, sendo também direcionados esforços para a promoção da acessibilidade, integração com o patrimônio edificado e embelezamento paisagístico;
- c) *Área de Reserva para Atividades Futuras*, que corresponde à área da Vila Machado Bastos e do estacionamento utilizado por funcionários do ISERJ, onde se direcionarão ações jurídico-administrativas para a investigação e regularização fundiárias, através de estudos fundiários e ações jurídicas (integração de posse) e administrativas (cancelamento de cessão) para a ocupação gradativa das edificações liberadas, com posterior requalificação através de ordenamento e ampliação de vagas para estacionamento, possíveis remoções de edificações e anexos indevidos e construção de novos edifícios.
- d) *Área Compartilhada*, que corresponde à área do Campus ISERJ onde se localiza o Colégio Estadual Antônio Prado Junior, em que deverão ser direcionados esforços imediatos para abertura ao diálogo e à negociação entre esta instituição e o ISERJ, visando à definição comum de estratégias para utilização e desejável integração de espaços, usos e atividades.

Através do referido projeto, ganham destaque no texto do PD-ISERJ, as ações relacionadas a remoções de edificações existentes, mudanças de uso e transferências de atividades.¹² No que diz respeito às sugestões para remoção, foram descritos os tipos de inadequação que esclarecessem a necessidade de remoção - o Quadro II, presente neste artigo, é esclarecedor a este respeito. Quanto às transferências de atividades e à construção de novas edificações, em acordo com os setores da instituição e, sobretudo, com os órgãos de patrimônios, determinou-se que novas edificações a serem construídas no Campus ISERJ devam estar localizadas somente na *Área para Transferência de Atividades* ou na *Área de Reserva para Atividades Futuras*, respeitando-se critérios de ocupação estabelecidos pelo PD-ISERJ, representados cartograficamente nas Figuras 9 e 10 e sintetizados nos Quadros III e IV.¹³ Outro elemento de destaque no escopo do referido projeto é a provisão do Campus de rotas acessíveis (Figura 8) que percorram os principais espaços do Campus, garantindo o percurso livre de obstáculos e o acesso às principais edificações.

Em outras palavras, a remoção, a transferência de atividades e as mudanças de uso e atividade têm uma tripla função: primeiro, melhorar a qualidade da ambiência do Campus através da intervenção físico-territorial o que, como já vimos, tem estreita relação com o resgate de sua capacidade em ser um laboratório pedagógico e valorizar a identidade do educador profissional; segundo, prover os espaços exteriores de circuitos formado por fluxos *contínuos* que, em conjunto, possibilitem o vislumbre de toda a diversidade arquitetônica e paisagística do Campus, reforçando sua unidade através da melhoria de sua legibilidade; terceiro, realocar as atividades, inclusive em novas edificações, visando a um melhor rendimento pedagógico, e, também, à redução de intervenções físicas nos compartimentos de edificações voltadas ao ensino que venham a comprometer o bem tombado.

¹² Outras ações que o PD-ISERJ definiu para serem cumpridas pelo Projeto de Paisagismo, Qualificação e Ordenamento dos Espaços têm como escopo: acessos, estacionamentos e circulação interna; áreas verdes; sinalização; iluminação externa.

¹³ Além disso, a equipe do IBAM preparou um vídeo de forte conteúdo didático, que inclusive se tomou anexo digital do próprio Plano Diretor e pode ser acessado no YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=stVcEVD4I-g>.

QUADRO II:
SÍNTESE DAS REMOÇÕES SUGERIDAS (FONTE: PD-ISERJ)

EDIFICAÇÃO OU ACRÉSCIMO	TIPOS DE INADEQUAÇÃO	JUSTIFICATIVA	MOMENTO DA REMOÇÃO
ACRÉSCIMO DA CANTINA (E1)	contraste em relação ao conjunto e padrão construtivo	ampliação da edificação original, a aparência externa é ruim, assim como os materiais empregados.	na medida em que forem viabilizados os espaços adequados para a transferência de suas atividades
REFEITÓRIO E CAMARINS (E2)	contraste em relação ao conjunto, padrão construtivo e risco aos usuários	todo o pavimento superior e as passarelas de interligação ao Teatro são acréscimo de material precário e péssima aparência externa, e que vem causando danos graves à estrutura do edifício original.	
CRECHE RUTH NISKIER (F)	contraste em relação ao conjunto e incompatibilidade de uso	volumetria e aparência contrastam com o conjunto e seus compartimentos pequenos distribuídos nos dois pavimentos são inadequados para o uso como creche	
AR-CONDICIONADO DA BIBLIOTECA (L)	contraste em relação ao conjunto, padrão construtivo e inacessibilidade	conforma-se como obstáculo à livre circulação de pedestres pelo campus, por se localizar entre piso elevado da Recreação da Pré-Escola (h) e a Biblioteca (D) e sua aparência, por conta de grades verdes e telhas translúcidas, sendo contrastante com seu entorno adjacente edificado	
ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL ANTONIO FRANCISCO LISBOA (N1)	contraste em relação ao conjunto, padrão construtivo, incompatibilidade de uso e inacessibilidade	adaptação precária de um antigo vestiário ligado à Pista de Atletismo (a), por isso inadequada à atividade a que se destina; não é mais utilizada como campo de estágio do ISERJ, desde a entrada da FAETEC como mantenedora do ISERJ	
ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS E AMIGOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO (O)	contraste em relação ao conjunto e inacessibilidade	a volumetria e aparência contrastam com o conjunto e permanece a maior parte do tempo fechada, com indisponibilidade de seu acervo às comunidades externa e interna; sua remoção permitirá a abertura de novo acesso ao campus, ligando a Área para Transferência de Atividades à Área de Reserva para Atividades Futuras;	
CASA DETERIORADA (N3)	contraste em relação ao conjunto	aparência deteriorada contrasta com o conjunto; sua remoção permitirá a abertura de novo acesso, ligando a Área para Transferência de Atividades à Área de Reserva para Atividades Futuras;	tão logo seja retomada, através das ações jurídico-administrativas
ACRÉSCIMO CONSTRUÍDO NA PRÉ-ESCOLA (H)	contraste em relação ao conjunto, padrão construtivo e inacessibilidade	alteração significativa na edificação original, de material precário e que impede a livre circulação pelos espaços exteriores	imediatamente
ACRÉSCIMO CONSTRUÍDO NO PAVILHÃO (H)	contraste em relação ao conjunto, padrão construtivo, risco aos usuários e inacessibilidade	alteração significativa na edificação original, de material precário (inclusive telhas de amianto, material nocivo) e que impede a livre circulação pelos espaços exteriores	
ESCOTEIROS/ CONTROLE DA DENGUE (M)	contraste em relação ao conjunto, padrão construtivo, incompatibilidade de uso e inacessibilidade	edícula de construção precária, inacabada, que impede a livre circulação de pedestres pelo campus e que abriga atividades sem nenhuma relação com as atividades fim do ISERJ	

QUADRO III:
SÍNTESE DAS PROPOSTAS PARA A ÁREA PARA TRANSFERÊNCIA DE ATIVIDADES
(FONTE: PD-ISERJ)

ÁREA PARA TRANSFERÊNCIA DE ATIVIDADES	AÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO		PROPOSTAS			
	OPÇÃO 1	OPÇÃO 2	USOS E ATIVIDADES INDICADOS	CRITÉRIOS DE OCUPAÇÃO		POTENCIAL CONSTRUTIVO MÁXIMO ESTIMADO
				GABARITO	PROJEÇÃO HORIZONTAL / MÁXIMA	
	transferência da Escola de Educação Especial António Francisco Lisboa (N1) e da Escola de Educação Especial Maria Ivette Correa de Vasconcelos (N2) para fora do Campus	<p>inclusão da elaboração de projeto de arquitetura para nova edificação para as referidas escolas, mesmo que em conjunto com demais atividades a serem transferidas, desde que estas passem a ser <u>campo de estágio dos alunos do ISERJ</u>, localizada na própria Área de Transferência de Atividades, e preferencialmente através de concurso e com acompanhamento dos órgãos competentes</p> <p>construção do referido projeto, com anterior aprovação nas instâncias cabíveis</p>	<p>escolas de educação especial (opção 2); cantina; refeitório; biblioteca; creche; manutenção; carpintaria; armazenamento de lixo; atividades administrativas; demais usos a definir</p>	até 3 pavimentos + subsolo ou semi-enterrado, desde que não ultrapasse a altura do Pavilhão Anísio Teixeira (I)	Ver Figura 9 deste artigo	4086m ²
	elaboração de projeto de arquitetura para nova(s) edificação(ões) no escopo do Projeto de Paisagismo, Qualificação e Ordenamento dos Espaços do Campus ISERJ, preferencialmente através de concurso e com acompanhamento dos órgãos competentes					
	construção da(s) nova(s) edificação(ões), com aprovação nas instâncias cabíveis					

QUADRO IV:
SÍNTESE DAS PROPOSTAS PARA A ÁREA DE RESERVA PARA ATIVIDADES FUTURAS
(FONTE: PD-ISERJ).

ÁREA DE RESERVA PARA ATIVIDADES FUTURAS	AÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO	PROPOSTAS		
	<p>elaboração de projeto de arquitetura para nova(s) edificação(ões) que preveja remoção parcial de edificações da Vila Machado Bastos (N) e, preferencialmente através de concurso e com acompanhamento dos órgãos competentes; o projeto poderá considerar a indicação de subterrâneo para estacionamento, liberando a área atual de estacionamento para construções.</p> <p>retomada e conclusão da ação para desapropriação das edificações da Vila Machado Bastos (N), utilizando o referido projeto como justificativa para a retomada da área</p> <p>construção da(s) nova(s) edificação(ões), com aprovação nas instâncias cabíveis</p>	<p>Usos e Atividades Indicados</p>	<p>Critérios de Ocupação</p>	<p>potencial construtivo máximo estimado</p>
		<p>gabarito máximo</p>	<p>projeção horizontal máxima</p>	
	<p>setores administrativos e demais atividades a serem definidas com aprovação dos órgãos de patrimônio</p>	<p>até 3 pavimentos + subsolo ou semi-enterrado, desde que não ultrapasse a altura do Pavilhão Anísio Teixelra (I)</p>	<p>Ver Prancha P15</p>	<p>IAT= 0,1, isto é, 3876,80 m²</p>

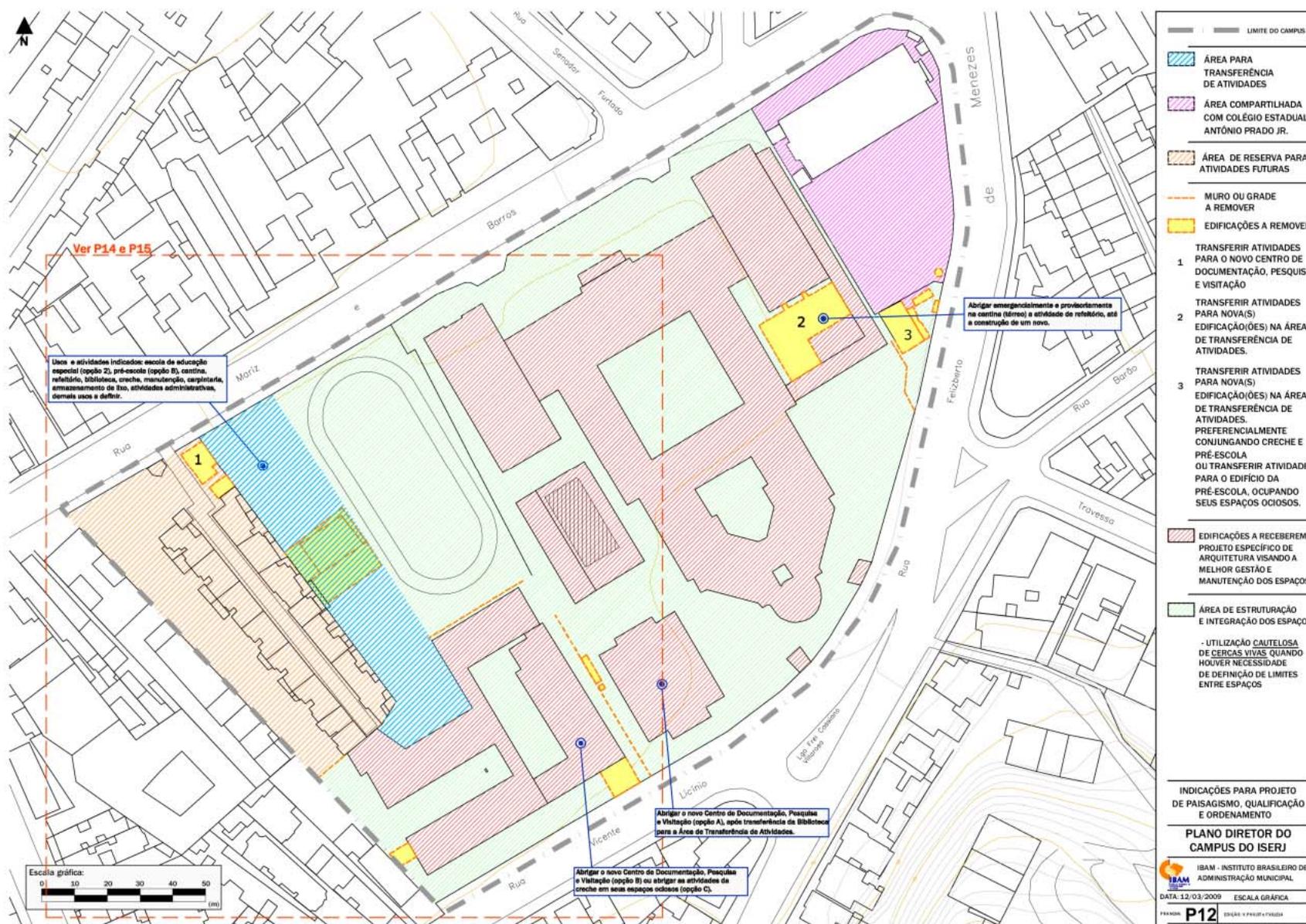


Figura 7: Indicações para Projeto de Paisagismo, Qualificação e Ordenamento. Fonte: PD-ISERJ.



Figura 8: Rotas Acessíveis e Acessos do Campus ISERJ. Fonte: PD-ISERJ.

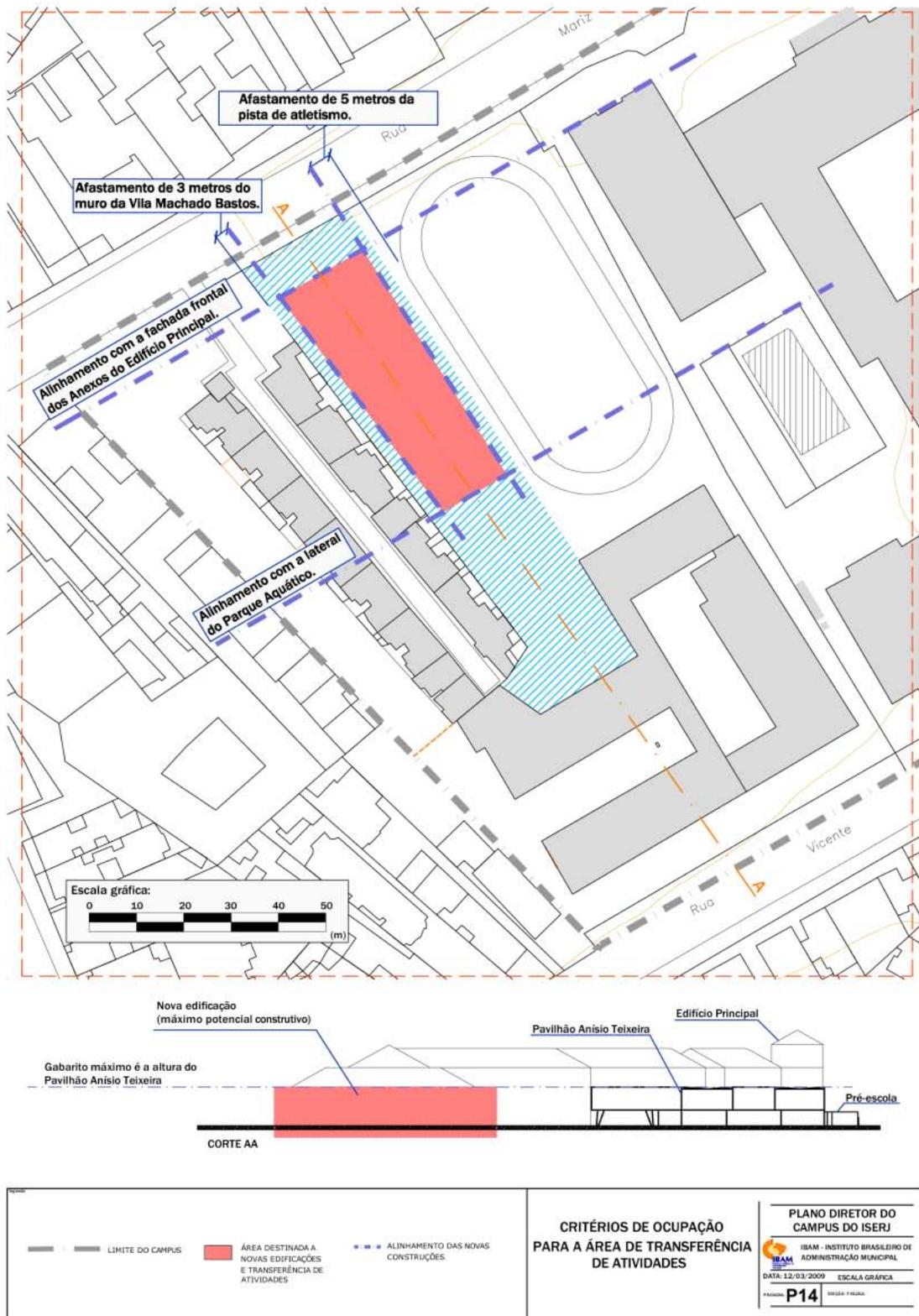


Figura 9. Critérios de Ocupação para a Área de Transferência de Atividades do Campus ISERJ. Fonte: PD-ISERJ.

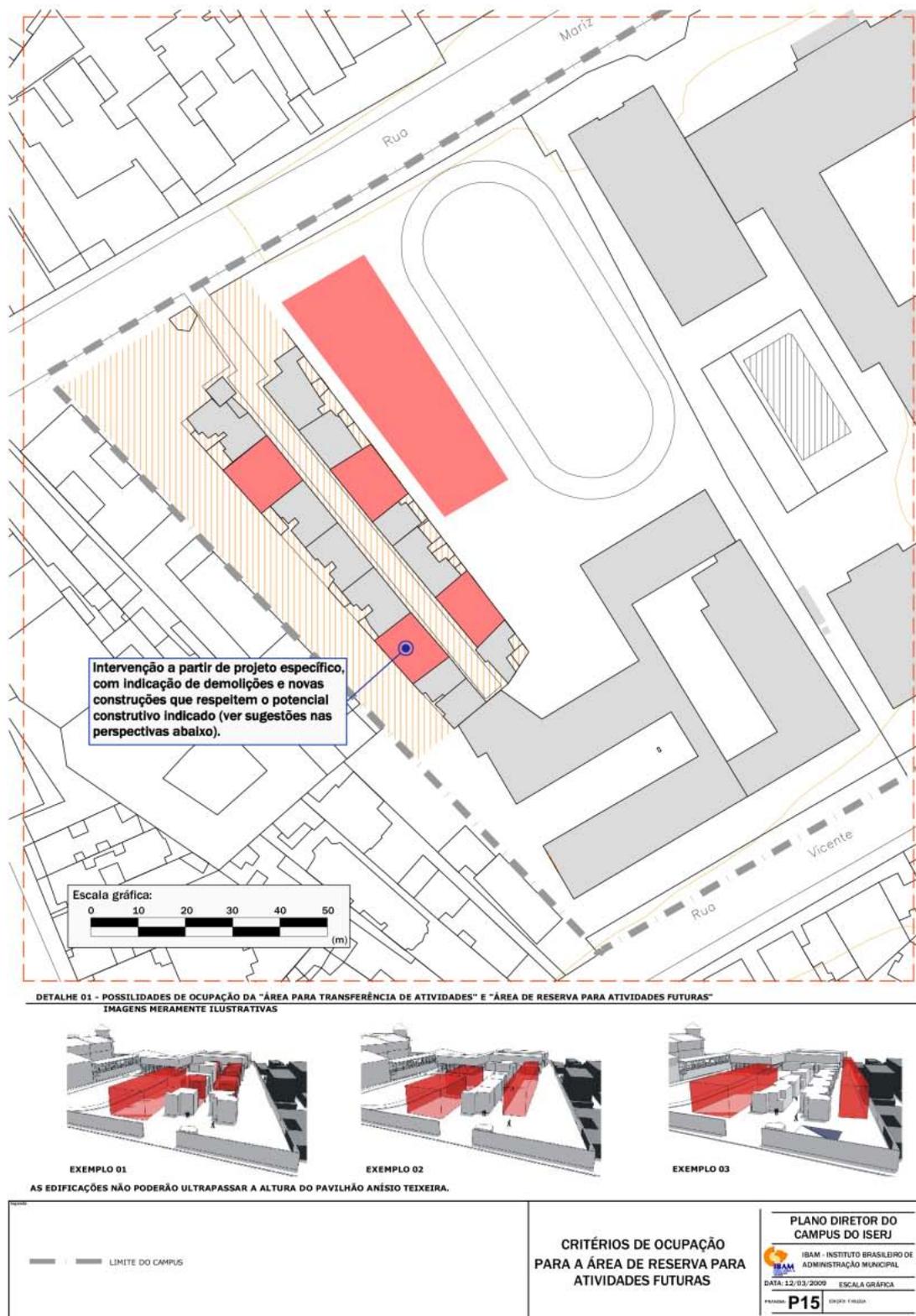


Figura 10. Critérios de Ocupação para a Área de Reserva para Atividades Futuras do Campus Iserj. Fonte: PD-ISERJ.

4.2. Projetos de Infra-Estrutura e Arquitetura.

Ainda no que diz respeito à escala do Campus como um todo, o PD-ISERJ exige a execução de projetos de infra-estrutura, tendo por objetivo a articulação das instalações individuais das

edificações com as áreas externas do Campus e a rede pública, quando necessário. São eles: projeto para sistema hidrossanitário do Campus; projeto para sistema elétrico do Campus; sistema de condicionamento de ar de grande porte, único e para todo o Campus.

No que diz respeito à escala das edificações, no intuito de se conseguir a melhor gestão e a devida manutenção dos seus espaços, o PD-ISERJ exige a execução de projetos de arquitetura específicos para cada uma das edificações existentes no Campus (desconsiderando-se, é claro, aquelas que ele sugere serem removidas). Estes projetos de arquitetura, por edificação, visam à identificação e solução de todos os problemas de ordem estrutural, infra-estrutural, estética, a indicação de problemas de arquitetura (inclusive de restauro) e, por fim, a previsão de um orçamento global para a solução de problemas de cada uma das edificações. Quer-se evitar a ação pontual, provisória ou ineficiente, que não resolve os problemas da edificação na maioria dos casos e, pior ainda, gera desperdícios de dinheiro público.

Cumpra esclarecer que tais intervenções podem se relacionar com o conteúdo pedagógico tão valorizado pelo PD-ISERJ: o documento sugere, por isso, que durante as obras sejam realizadas visitas guiadas a qualquer interessado, visando ao entendimento da necessidade específica de intervenção em relação à valorização do bem como um todo, dar explicações sobre a própria meta de se recuperar a função de laboratório e expor ao visitante a intrínseca história da Escola Nova, dentre outros fatores. Além disso, a instalação de novos sistemas infra-estruturais é importante mecanismo para a compreensão tanto do funcionamento das redes elétrica, hidrossanitária e de condicionamento de ar, quanto das maneiras que se pode intervir em bens culturais tombados para instalação destas redes tão complexas. Isto é particularmente interessante pelo fato do ISERJ possuir hoje, além da educação infantil e fundamental, o ensino médio e o normal superior, cursos de ensino técnico e profissionalizante, inclusive de maior interesse da FAETEC, sua mantenedora, o que, é claro gera inúmeras disputas e conflitos. Nesse sentido, ordenar o espaço a partir do conceito de laboratório pedagógico é uma maneira de dar unidade a todas estas modalidades de ensino presentes no Campus.

5. Considerações finais.

O Plano Diretor do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (PD-ISERJ) foi encerrado em março de 2009, com a expectativa de que este espaço tão importante para a cidade do Rio de Janeiro e para o Brasil volte gradativamente a cumprir sua função educadora, portanto social, e, mais especificamente, resgate a ainda tão valorizada missão de formar professores e o significado de laboratório pedagógico do Campus, atualizando-se a filosofia da Escola Nova para o contexto atual.

Não temos dúvidas que ao se resgatar tal função, identidade e missão está se protegendo de forma efetiva o patrimônio, seja o imaterial, representado por sua própria missão (formação de professores), seja o material, representado pela paisagem formada pelas edificações e espaços exteriores, as edificações isoladamente, com seus valores específicos, o mobiliário ou o acervo bibliográfico, documental e de objetos ligados ao ensino. Ao longo deste artigo, exploramos tal aspecto da relação entre intervenção físico-territorial com o patrimônio e a identidade sócio-espacial tentando explicitar que as intervenções sugeridas pelo PD-ISERJ, tanto na escala do Campus quanto na escala das edificações e seus compartimentos, não se restringiram apenas a dar melhor qualidade *estética* aos espaços, nem se restringiram à recuperação e ao restauro dos mesmos. Ambos são, de fato, fatores importantíssimos e direta ou indiretamente contemplados pelo Plano Diretor em vários níveis, mas se o objetivo principal do PD-ISERJ foi o da recuperação do Campus como laboratório pedagógico, tal meta exige entender que a ação projetual é algo mais amplo: ela produz significados, ela gera topofilias e topofobias; é instrumento de cumprimento (ou não) de expectativas; relaciona-se com conteúdos emocionais e disputas político-institucionais sobre o território; necessariamente deseja modificar o futuro.

Por isso mesmo, é preciso afirmar que o PD-ISERJ, por ser um conjunto de diretrizes para inúmeras ações projetuais tem, sim, como qualquer plano diretor físico-territorial, certo

caráter utópico. Um plano diretor tenta dar conta, de uma só vez, de projeções futuras e ideais de várias pessoas – todas elas com receios, angústias, além de desejos de realização e felicidade. Mas não por isso o PD-ISERJ deve ser entendido como algo messiânico nem muito menos como desprovido de eficácia. As realizações no tempo e no espaço se dão de forma fragmentada e descontínua, são feitas de encontros e desencontros, um pouco de voluntarismo e um pouco de acaso – o que parece assustador, mas é o que há de mais natural na existência. Ter um pacto, materializado por um documento que define estratégias que visem ao maior atendimento possível de anseios e que seja ao menos um caminho bem definido a se seguir torna a utopia mais possível, o que no fundo é parte do desejo de todo arquiteto-urbanista e de todo educador.

6. Referências bibliográficas

de ALMEIDA FILHO, Orlando José. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932: memória e imagens do manifesto nos livros didáticos de História da Educação. *Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, 6. Uberlândia, abril de 2006.

de AZEVEDO, Fernando. A socialização da escola. *Boletim de Educação Pública*, Ano 1, nº 2, abril-junho de 1930, p. 167-184.

CLARK, Oscar. Clínicas escolares. *Boletim de Educação Pública*, Ano 1, nº. 2, abril-junho de 1930, p. 202-215.

CULLEN, Gordon. *A paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 1996 [1971].

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006 [1992].

IBAM. Plano Diretor do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (PD-ISERJ). Rio de Janeiro, 2009.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1961].

LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira. *A oficina de mestres do Distrito Federal: História, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)*. 2003. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado).

NAME, Leonardo. O eurocentrismo está em toda parte: sobre orientalismos, ocidentalismos e outras imprecisões geográficas. *GeoPUC*. Revista do Departamento de Geografia da PUC-Rio, 2009, vol. 1, nº. 2. Disponível na INTERNET via <http://publique.rdc.puc-rio.br/geopuc/cqi/cqilua.exe/sys/start.htm?infoid=20&sid=12>. Arquivo consultado em 20 de junho de 2009.

NETTO, Vinicius. O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão. *Arquitextos*, vol. 79, texto especial 397, 2006. Disponível na INTERNET via <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp397.asp>. Arquivo consultado em 20 de junho de 2009.

NUNES, Clarice. Historiografia comparada da escola nova: algumas questões. *Revista da Faculdade de Educação*, vol. 24, n.1, jan-jun 1998.

SERRANO, Jonathas. O cinema educativo no Distrito Federal. *Boletim de Educação Pública*, Ano 1, nº. 2, abril-junho de 1930, p. 185-201.

SUMMERSON, John. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1980]).

TAYLOR, Charles 1994. *Multiculturalisme*. Paris : Aubier, 1994 [1992].

TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, (1997 [1935]).

VENANCIO FILHO, Francisco. O cinema e as ciencias físicas. *Boletim de Educação Pública*, Ano 1, nº. 2, abril-junho de 1930, p. 216-221.